

Juventude e Empreendedorismo: uma abordagem das novas “subjektividades executivas”*

Maria Isabel Mendes de Almeida

Resumo

Este artigo procura estabelecer uma reflexão preliminar sobre as formas contemporâneas de articulação entre juventude, construção de si e desempenho profissional. Para tanto, elegemos como hipótese de investigação o duplo processo de “criativização da profissão” e de “profissionalização da criatividade”. Pretende-se também mapear os impactos provocados na subjetividade contemporânea pelas recentes configurações, rizomáticas e conexionistas, que vêm assumindo o capitalismo mundial. Finalmente nossa proposta debruça-se sobre uma abordagem alternativa àquelas que interpretam tais configurações como expressão de novas normatividades e instâncias asfixiantes de controle. Para tanto, acompanharemos formas de funcionamento e conduta de jovens informantes no mundo do trabalho, pautados pela convocação em simultâneo de instrumentais e habilidades outrora pensados como incompatíveis, e associados às esferas tidas como opostas e excludentes do “trabalho” e do “lazer”.

Palavras-chave: empreendedorismo, novas subjetividades, construção de si, criatividade, profissionalização, capitalismo rizomático.

Abstract

The aim of this article is to present a preliminary reflection on the contemporary links between youth, self-construction and occupational skills. With this in mind, we have chosen as a hypothesis for this specific research the double process of “making the occupation creative” and “making creativity an occupation”. We also intend to map the impacts of the recent rhizomatic, connectionist configurations of contemporary subjectivity. Finally, our proposal is to reflect upon an alternative interpretation to those which see the new young entrepreneurship as a normative phenomenon. We intend to examine the forms of behavior that these young informers display in the work environment, where “work” and “leisure” are seen more and more as not mutually opposed or excluding.

Key-words: entrepreneurs, new subjectivities, self-construction, creativity, professionalization, rhizomatic capitalism.

*Este artigo inscreve-se no âmbito de um projeto de pesquisa mais amplo por mim coordenado, que tem como tema “Profissionalização da Criatividade, Criativização da Profissão: Juventude, Construção de Si e Desempenho Profissional”, atualmente em desenvolvimento juntamente com os pesquisadores: Fernanda Eugênio, Carolina Pucu e João Francisco de Lemos.

Há mais de uma década debruçamo-nos sobre o tema das culturas jovens na direção de aprofundar novas formatações subjetivas no âmbito da sociedade contemporânea. Entre os principais eixos temáticos de pesquisa utilizados na reflexão sobre essas novas formatações, destacam-se o recurso às práticas de tatuagem e *piercing* enquanto formas de modificação corporal, as novas apropriações e redesenhos dos espaços e geografias de sociabilidade urbana, o consumo de drogas sintéticas e suas articulações com as novas cenas eletrônicas.

No âmbito dos principais resultados oriundos dessas investigações, uma espécie de “achado” constante pode ser aqui subsumido pela idéia do “sujeito empresário de si”. Tal idéia ancora-se, fundamentalmente, na valorização imperiosa de valores como os de autonomia, espontaneidade, flexibilidade, iniciativa, cálculo, improviso, atitude, pró-atividade etc.

O “sujeito empresário de si” como expressão dos processos de individualização radical (Lipovetsky, 2007; Bozon, 2004; Le Breton, 2003), também pode ser acompanhado no âmbito dos atuais escrutínios de aferição da produtividade acadêmica, trazidos à baila nos dias de hoje pelo sistema da plataforma Lattes. As exigências impostas por tais redesenhos da produtividade são capazes de apontar, ainda que involuntariamente, para situações de recuo das temporalidades estendidas da imaginação que privilegiavam o velho “espírito de corpo” de profissionais outrora norteados por valores e práticas estimuladores dos processos de “associação criadora”. Essas últimas – mais próximas à valorização dos funcionamentos coletivos, artesanais ou “invernais” da produção intelectual, contrastam, hoje, com a dimensão de ofensividade (Sloterdijk, 2007), homóloga a esta espécie de *ethos* consumido pelos novos “empresários de si”.

Este artigo limita-se a traçar algumas considerações sobre uma pesquisa ainda em andamento e que conta apenas com pistas embrionárias de investigação. Nosso interesse atual tem se dirigido para a reflexão acerca das especificidades dos impactos provocados nas subjetividades juvenis dos grandes centros urbanos brasileiros pelas recentes configurações rizomáticas e conexionalistas, que vem assumindo o capitalismo mundial (Pelbart, 2003). Essas configurações, igualmente, nos permitem pensar em linhas de aproximação com o modelo da rede (Latour, 2004; Parente, 2004), assim como com as dinâmicas de trabalho que tendem a privilegiar, a cada dia, a horizontalidade no lugar da hierarquia, a valorização da “equipe de colaboradores” no lugar do “cada um por si” competitivo.

As novas “subjetividades executivas”, cuja lógica de funcionamento e cujos mecanismos de inscrição no mundo do trabalho nos interessam estudar, não parecem poder ser apartadas de um mútuo processo de contaminação recíproca entre as noções de criatividade e profissionalização. É notória, na paisagem contemporânea dos grandes centros urbanos, a crescente visibilidade dos jovens em universos corporativos e também artísticos e expressivos: jovens estilistas, jovens executivos, jovens empreendedores, jovens artistas.

Desde o início da presente década tem sido possível verificar, entre um conjunto de referências teóricas sobre as novas formatações da subjetividade contemporânea, a operação de relações de contaminação recíproca e de irrigação mútua entre noções tais

como: trabalho e lazer (Massi, 1999; Pelbart, 2003; Brooks, 2000), espaço da casa e espaço do trabalho, que vêm dando origem a novos usos da espacialidade como os desempenhados pelos atuais *lofts*, “[...] ciência e arte” (Viveiros de Castro, 2008), criatividade e produtividade (Pelbart, 2003; De Certeau, 2004; Guattari, 1986), reflexividade e ação (Sloterdijk, 2006), espírito e ato (Sloterdijk, 2006), real e virtual (Weissberg, 1993).

Da mesma perspectiva, mas a partir de outros ângulos de interpretação, vozes de contraponto a tais cenários das relações de co-presença entre essas esferas também se fazem ouvir quando, por exemplo, a idéia de ociosidade assume características compensatórias e praticamente substitutivas frente às noções de trabalho e produtividade (Lipovetsky, 2006).

As primeiras inferências de nossa investigação trazem à baila a idéia de um regime de contaminação recíproca verificado entre termos até então investidos de nítidas demarcações e fronteiras de sentido e adequação. Ou seja, ao contrário de leituras tradicionais que percebem o lazer como “espaço-tempo” recreativo, lúdico, em oposição ao regime produtivo, surpreende-nos, no novo funcionamento das subjetividades jovens executivas, a equivalência entre essas esferas. A atração pelos *games* é reveladora desta contaminação: o jogo permite exercitar habilidades que serão aproveitadas em outras cenas, como no trabalho ou nos estudos, em que desempenho e *performance* são valores constantemente requisitados. Este movimento tem sido igualmente verificado, por exemplo, através do fenômeno recente do *marketing* em *sites* de relacionamento, cuja criação de vagas para analistas de mídias sociais é capaz de evidenciar a nova dinâmica de tais equivalências. Ou seja, agências de *marketing* vêm sendo contratadas por empresas que começam a perceber o enorme potencial de jovens que passam a ganhar dinheiro com os seus passatempos: criar conteúdos em blogs, fotologs, Orkut, YouTube, Myspace – nas redes sociais (*O Globo*, Caderno Boa Chance, 5/10/08).

Destacamos, neste sentido, o papel das novas tecnologias digitais no desencadeamento de um processo de “invenção de percepções” (Guattari, 1986) protagonizado pelos jovens, a partir do qual uma nova *expertise* para a velocidade e a simultaneidade é produzida.

O critério de seleção utilizado para esta primeira abordagem ao universo de jovens empreendedores foi pautado pelo recorte entre duas grandes áreas tradicionalmente definidas como contrastantes enquanto opções de carreira: aquelas predominantemente identificadas com o perfil executivo cujos campos de eleição são: economia, administração, *business*, *marketing*, finanças etc., e o grupo de jovens voltado para as atividades artístico-lúdico-expressivas.

Duda, 20 anos, estudante de administração de empresas, um de nossos informantes, filho de pais separados e ambos profissionais liberais, cresceu imerso em esquemas socializatórios cuja ênfase foi direcionada para uma formação tradicional bilíngüe. A escola em que cursou o ensino fundamental destacava-se dentre aquelas que objetivavam formar futuras lideranças para o mercado. Das reminiscências mais marcantes de seu período escolar, sobressaía a de uma simulação de uma miniempresa que comercializava

muffins. Esta “empresa” – da qual ele foi “presidente” – lidava com salários, ações do produto, funcionou ao longo de um semestre e dele exigiu o desempenho de situações “embaraçosas”, tais como premiar pessoas, demitir outras, propor aumentos de salários etc. Na ocasião em que o encontramos para a entrevista ele havia saído de um estágio na empresa do pai e estava à procura de outro, em uma importante emissora de televisão, na área de administração e finanças. Naquela altura, ele aguardava a resposta do exame de seleção, para o qual, de doze mil pessoas inscritas, restaram mil. Ele estava entre essas últimas.

Patrícia, 32 anos, produtora cultural, prestara vestibular para Belas Artes e Geologia. Interrompeu ambos e resolveu fazer cinema, que, segundo ela, era “a forma mais razoável de juntar arte e ciência”. Chegou a fazer vários programas de televisão para o canal Futura. Quanto aos filmes que realizou, sempre “arrumava uma forma de participar como atriz”. Patrícia chamava a nossa atenção para o fato de que “se dava muito bem como produtora de cinema, embora considerasse cinema algo muito cruel”, algo que “te elimina muito rápido”: “Se você não for um forte, não sobrevive naquele lugar. Mas eu me dava bem”.

Dez anos antes da época em que estivemos com Patrícia, seu pai a inscrevera no concurso da Caixa Econômica – pela qual ele se aposentara como auditor; ela foi contratada, e, após um ano de trabalho, pediu demissão. Nos dias de hoje seus planos encaminham-se na direção de tornar-se uma *performer*, com o objetivo de que, segundo suas palavras, ela tenha cada vez mais, o controle de seu “processo criativo”.

Dione, 30 anos - desde os 14 esteve envolvida com teatro, formada em comunicação, e hoje coordenadora de uma ONG muito bem-sucedida - pode ser descrita como uma filha típica da geração de pais contraculturais. Sobre eles, ela nos diz que eram muito criativos e produtivos e que a vida artística era um ingrediente indispensável em seu processo de educação e socialização. Sua infância e adolescência foram atravessadas por estímulos permanentes para “pintar, colar, viajar, ouvir música, ler poesia, ir ao teatro e cinema”. Ela tem fortes lembranças dos discos e livros que formavam todo o repertório de presentes que recebia do pai. A esse respeito ela hoje nos confessa que “ficava puta porque queria ganhar outras coisas, videogames, barbies”, e ele “só lhe dava livrinho de Miró”. A partir desta etapa da entrevista foi se tornando possível captar o esboço de um senso crítico que Dione viria a desenvolver diante da visão de mundo de seus pais. Embora muito estimulante e criativa, tal visão começou a parecer-lhe contraditória com a permanência das almofadas indianas jogadas pelo chão da sala. Em seu modo de ver, isso significava dizer “que faltava infra ali”, uma estrutura da qual ela sentia falta. Esta percepção nos possibilitava inferir uma conexão com o passo seguinte que Dione viria a dar em sua trajetória e que passava a inscrevê-la no comando do que ela mesma viria a sublinhar como a necessidade do “aprendizado dos sistemas produtivos”. A etapa subsequente, relacionada ao processo de escolha de uma escola para cursar a oitava série, foi a de optar por uma – ao contrário dos esquemas de ensino experimentais e alternativos aspirados por seus pais – cujas turmas eram divididas por QI. Dione nos chama a atenção para o fato de que nas escolas em que

ela estivera anteriormente, a nota era uma combinatória entre a que o próprio aluno dava e a do professor. A matemática, ela nos enfatiza, “a gente aprendia recortando e colando”.

O novo espírito do capitalismo: *management* e criatividade “apropriada”

O espírito de época que marcou as gerações de jovens das décadas de 60 e 70 já apontava para o limiar de testemunhos críticos dirigidos a modalidades massificadoras das relações de trabalho vigentes naquela formação capitalista (Boltanski e Chiapello *apud* Pelbart, 2003): rigidez hierárquica, ausência de criatividade, excesso de hierarquias e posturas burocráticas, massificação, natureza tarefaira e alienadora das relações de trabalho, ausência de ludicidade etc. O conjunto deste repertório crítico transformava-se, portanto, em insumo criativo para hoje abastecer os principais recursos dos quais se servem o novo mundo das corporações empresariais (Pelbart, 2003).

O que atualmente se entende pelo *novo espírito do capitalismo* (Boltanski e Chiapello *apud* Pelbart, 2003)), cuja lógica central de funcionamento aponta para o crucial papel desempenhado pela proliferação dos manuais de *management* no mundo corporativo é capaz de nos trazer de volta o “polêmico” protagonismo crítico desempenhado pelas décadas de 60 e 70. Ou seja, identifica-se, aqui, aspectos do capitalismo contemporâneo que hoje expressam uma forma de “apropriação positiva” dos principais testemunhos críticos que à época lhe foram dirigidos pelas gerações contraculturais. No diagnóstico empreendido por esta perspectiva, portanto, tal operação é compreendida enquanto uma *nova normatividade* que tem lugar no mundo empresarial, embora não se restrinja exclusivamente a ele.

Ainda no interior do registro das novas normatividades, vale lembrar a abordagem de Zizek (2006) sobre os *hackers* programadores pós-modernos, que, ao serem pagos para mergulhar no seu passatempo favorito, “ficam expostos a uma pressão do superego incomparavelmente mais forte do que a da boa velha ética do trabalho protestante” (*ibidem*:112). Apesar de conferir expressivo peso a esta dimensão normativa (superegóica), Zizek reconhece, no entanto, que, o que uma empresa como a Microsoft visa é precisamente “o coração da criatividade idiossincrática” de tais *hackers* – tornando-os inúteis para ela a partir do momento em que tais programadores comecem a perder o que ele entende por “perversão malandra”, pelos traços subversivos e “contraculturais”, e passariam a se comportar como sujeitos adultos “normais” (*idem*, 2006).

Em que pese a fina e radiográfica apreensão deste autor sobre o uso produtivo da empresa dos traços subversivos e contraculturais, assim como sobre a “perversão malandra” protagonizada pelos *hackers*, em nosso modo de ver, tal apreensão não deixa, contudo, de expressar uma relação de estranheza conferida ao modo de operacionalização e funcionamento entre os termos desta dinâmica. No diagnóstico empreendido por Zizek, portanto, trata-se de uma *estranha aliança*, aquela que se forma “entre o núcleo duro rebelde e subversivo de minha personalidade, a minha ‘perversão malandra’ e a Empresa externa” (*idem*).

Quando um conjunto de reivindicações e uma plataforma crítica ancorada sobre valores emblemáticos da autonomia, criatividade e autenticidade transforma-se em nova normatividade para dar vida e potência às “engrenagens” das novas corporações capitalistas, não estaríamos, ainda, subsumidos por uma lógica dualista, disjuntiva e compensatória que, além de opor tais valores ao universo da burocracia fria e impessoal, neles verifica uma operação de mera e geométrica apropriação e cooptação de valores ou visões de mundo?

Ainda que a partir de óticas mais ou menos flexíveis, tanto as interpretações conferidas ao novo espírito do capitalismo como as encaminhadas por Zizek sobre o funcionamento dos *hackers* pós-modernos não conseguem fugir dos diagnósticos normativos. Ou seja, de uma percepção algo dura e asfíxica da idéia de normatividade, cujo peso e ônus sobre os sujeitos, se faz notar *vis-à-vis* a fragilização das instâncias externas legitimadoras-emissoras de normas. Para nossos objetivos, ambas as interpretações situam-se, portanto, como pano de fundo desafiador para pensar possíveis remanejamentos e redesenhos de tais óticas mandatárias no âmbito das economias internas juvenis, objeto deste estudo.

Criatividade e suas regramatizações

Os escritórios da empresa Google, que acompanhamos através de inúmeras matérias recentes da mídia escrita e digitalizada (ver, por exemplo, *O Globo Digital*, 22/09/08) surpreendem pela versão lúdica, recreativa e íntima de seus ambientes e pela atmosfera de informalidade e descontração que parecem irrigar as sociabilidades que ali transitam e interagem. Inúmeras são as salas temáticas direcionadas a reuniões, alimentação, lazer, esportes em geral, descanso, jogos, relaxamento, exercícios aeróbicos etc. Nesses ambientes é impossível distinguir-se, com precisão, espaços de trabalho e produtividade daqueles dedicados às atividades lúdicas ou de lazer. Casa e trabalho são igualmente instâncias cujos limites aparecem cada vez mais descaracterizados e imprecisos. É possível se ir ao trabalho fazendo-se acompanhar do cão de estimação que tem sua entrada indistintamente franqueada ao longo dos diversos setores do *campus* da empresa.

Recursos plásticos e decorativos, assim como o espírito e a atmosfera permanentemente recreativa desses espaços, em muito o aproximam do contexto dos grandes *resorts* de turismo. Habilidade, no lugar do cultivo de experiência verticalmente biográfica, insere-se como palavra de ordem nesses novos templos criativos.

Multidisciplinaridade é outro valor permanentemente solicitado por esses ambientes profissionais. O tom e o significado atribuído a essa condição e os parâmetros que a sustentam surpreende pelo meticuloso “faro” escrutador dos idiossincráticos talentos que habitam tais empresas, invariavelmente dirigidas ao funcionamento coletivo e voltadas para a atuação em rede: “o “nerd”, aquele que conhece toda a parte técnica, o humanista, que entende as pessoas; o “socializer”, que já tem uma rede de contatos estabelecida, o “fuçador”, que passa o dia navegando em busca de novidades, e o planejador, que coordena o processo” (*O Globo*, Caderno Boa Chance, 5/10/2008).

Ambientes e circunstâncias de trabalho como as descritas acima, apesar de ainda distantes dos horizontes profissionais concretos de nossos entrevistados, não deixam de aportar as redes simbólicas de algumas de suas percepções sobre o sentido da criatividade e de seus atuais corolários.

“De como o gás vira matéria”

Se nos perguntamos sobre os sentidos da criação, ou, mais especificamente, sobre os significados assumidos pela idéia de criatividade para nossos entrevistados, não é possível dissociá-los da condição de “resultado”. Criar é, inescapavelmente, materializar. E materializar converte-se na mesma coisa que entregar, *delivery*. Reclassificam-se aqui uma série de itens associados não somente à atividade criativa, mas ao próprio sentido do que é arte. Dione, por exemplo, acredita que pode ser muito criativa, mas se ela não consegue acessar “os sistemas produtivos” sente-se impotente, acredita que sua criatividade torna-se estéril, não se realiza. E ela vai mais longe: “o importante na criação é fazer a conta de aonde você quer chegar, é a capacidade de usar uma série de ferramentas que tiram um pouco desse mundo etéreo, gasoso, da criatividade”. Dione precisava aprender “como funcionam os sistemas produtivos, como as coisas se materializam e os cuidados que devem ser tomados para evitar que a criação não vire nuvem”. Idéias, por sua vez, também não podem deixar de orbitar a realização, concretizar-se.

Para as novas subjetividades executivas, a condição do artista criador “insulado” – cuja sensibilidade *sui-generis* emana do indivíduo privilegiado –, desentranha-se e desloca-se para a tribuna de sua necessária externalização. Em outras palavras, no âmbito das transformações das condições contemporâneas de criação, de nada adianta sua condição de não realização, de não “desencapsulamento”. E tal regime de funcionamento, na visão de nossos entrevistados, atua na direção de transformar “gás em matéria”. Tanto a imagem do gás como a da nuvem são capazes de conferir a medida exata de uma criatividade cujo risco é tornar-se entrópica. O grande antídoto a tal estado de coisas é conferido pela função de “plantonista permanente” assumida pelo planejamento, indispensável ferramenta de controle e salvaguarda contra a “criatividade encapsulada”. A velha máxima glauberiana “uma idéia na cabeça e uma câmera na mão” nos serve aqui como ilustração do conceito de criação cuja lógica romântica de sentido apoiava-se na idéia de emanção de uma sensibilidade particular do artista privilegiado (Viveiros de Castro, 2008).

Neste sentido, é possível dizer que criação não necessariamente confunde-se com “resultado” ou com a inevitável capacidade de “transpiração”. Desta tribuna de percepções sobre a criatividade – que tanto atravessou o imaginário dos jovens das décadas de 60/70 – às atuais percepções sobre a mesma, oriundas de nossos jovens empreendedores, um sensível distanciamento parece se operar. O ponto central de bifurcação entre esses dois contextos – que nos auxilia a pensar na própria redefinição do conceito de criação – talvez resida na radical reconfiguração de seus regimes de externalização e da “política de resul-

tados” que os acompanha. Esta redefinição não pode prescindir de um conjunto de ferramentas e procedimentos dedicados a unificar todos aqueles elementos dispersos, gasosos, etéreos e imateriais da existência de uma ossatura organizacional. Esta última, de acordo com um de nossos entrevistados, pode ser comparada a uma espécie de “círculo redondo da arte”, que como veremos em seguida, atravessa, reinventa e remetaboliza as esferas da vida e a cadeia produtiva percorrida por nossos jovens empreendedores.

Amizade e competitividade: novos agenciamentos

Patrícia “produz sua própria preguiça”, acha que chegar no trabalho ao meio-dia é um direito adquirido e dirige-se a nós afirmando que ela “vale isso”. Seu processo de criação é muito coletivo e ela faz questão de limitar “as funções” cristalizadas entre as pessoas que trabalham com ela. Ou seja, em vez de insistir sobre o recorte pessoal e individualizado das competências entre aqueles que com ela trabalham, ela tende a multicentrá-las. Segundo sua compreensão, eliminar as funções significa, por exemplo, “chamar alguém para fazer o figurino, mas ao mesmo tempo dar, ela mesma, um palpite crucial neste mesmo figurino”. Por sua vez, a opinião do figurinista sobre a direção de seu filme é sempre bem acolhida e torna-se fundamental para o resultado final do trabalho: “Não dá para eu desvincular essa pessoa da direção. Acaba virando todo mundo da equipe. Se eu tenho uma idéia, quero fazer uma coisa artística que é do grupo, se você quiser participar, você já tá dentro”.

À ênfase sobre a coletivização dos talentos, acrescentam-se outras especificidades ao processo criativo de Patrícia: a iniciativa, o estado de alerta permanente frente às oportunidades, e a atitude de ofensividade (Sloterdijk, 2007) – fazer e gerar a ocasião, procurar colocar em suspenso toda a desconfiança sobre si. A este conjunto de características contrapõe-se criticamente o receio e a inibição (*ibidem*) – esperar que alguém proponha alguma coisa ou idéia. O alvo crítico de Patrícia incide enfaticamente sobre estes últimos, ou seja, aqueles que se deixam “enlaçar” pelos processos inibitórios, aqui emblemáticos por seus amigos “muito artísticos, mas que detêm essa coisa de cinema, essa visão meio ‘desarcada’ das coisas, em razão de outras questões da vida”. Os “desarcados”, ela nos explica, são aqueles que não dão muita importância “àquilo”, são os que minimizam a situação, “não arcam”. “É quando alguém acha que você fez uma coisa muito importante e você diz: - ‘Bobagem...’ Minimiza a importância”.

Um novo agenciamento e uma nova dinâmica de compreensão entre as idéias de competição, amizade e compartilhamento de talentos parece se operar no universo de nossos informantes. Amizade e negócios, na visão de Duda, por exemplo, não são pares antitéticos, para quem planeja no futuro trabalhar com os grandes amigos que fez na universidade. A capacidade de pensar e gostar das mesmas coisas, assim como saber as qualidades e defeitos uns dos outros, inscrevem-se enquanto prerrogativas da própria amizade. Referindo-se particularmente a um amigo com quem pretende ter negócios no futuro, ele

sublinha: “um tem o que o outro não tem e a gente sabe disso e pretende ter um negócio em conjunto no futuro”.

Além desta espécie de “força tarefa” que atravessa o *ethos* dos novos empreendedores, podemos acompanhar o movimento-síntese entrevisto no depoimento de Duda quanto à capacidade de não desperdiçar talentos que partem de um mesmo ponto e se “irradiam” na direção de vários outros, sempre irrigando-os de produtividade. O jogo de pôquer, por exemplo, é acionado no sábado à noite para descontrair, mas, ao mesmo tempo ele se constitui em uma forma de prolongamento da *expertise* matemática adquirida na faculdade e que, por sua vez, também é utilizada para auxiliar sua mãe na aplicação de algum dinheiro na bolsa de valores.

A mutação a que é submetida a noção de competitividade, para nossos entrevistados aponta para o remanejamento dos tradicionais ingredientes que a identificavam basicamente à idéia do “cada um por si” e dos diagramas de conformação hierárquica e inescapavelmente individualizantes. Não se trata, contudo, da eliminação da competitividade na dinâmica deste novo funcionamento, mas de uma redistribuição de seus sentidos e focos de direcionamento. Patrícia, por exemplo, queixa-se apenas do fator “sonegação de informação” para expressar o que é indesejável e “não saudável” nesse novo funcionamento. Quando a competitividade parte de premissas desiguais, no que diz respeito ao acesso à informação, por exemplo, “aí resulta em competitividade da exclusão”. Esta seria a parcela arcaica e não saudável da competição: “Já tem 200 anos que foi explicado que sonegar informação é uma burrice e até hoje tem gente que sonega informação”. A metáfora das olimpíadas é utilizada por ela para ilustrar o contraponto com a face arcaica e obscura da sonegação: “Se não é ela, a sonegação, a competição é completamente saudável. Do quem chega primeiro, eu ou você, vamos lá! Tá todo mundo lá, é normal, todo mundo amigo, ganhando medalha, feliz com a medalha do outro”.

Deixando, portanto, de acontecer pela via do individualismo e da *ego trip*, mas centrando-se em múltiplos eixos de colaboração e participação, a competição se ressignifica, multicentrando-se. O companheirismo e o compartilhamento, e não a habilidade solitária, tornam-se a tônica entre sujeitos que reconhecem e valorizam o equilíbrio, o revezamento de competências e a dosagem diferenciada de talentos. No mecanismo multicentrado da “política de resultados”, o indivíduo sabe que não pode dar conta de tudo sozinho e aciona os outros, instrumentalizando as habilidades destes últimos pela via da “decupação” das etapas para se atingir, em comum, uma meta. Neste sentido, a liderança também se ressignifica, assentando-se no compasso entre gerenciar/congregar, espécie de movimento que ao mesmo tempo concentra e libera comandos. É o que nos oferece a “visão de jogo” ampla como a de um zagueiro, que Patrícia nos diz possuir em relação à sua equipe de trabalho. Ela se afasta, observa e “consegue olhar aquela confusão toda e entender o que cada um está falando, como aquelas falas se conjugam em vez de se conflitarem”. Ela acaba organizando o discurso das pessoas.

O núcleo de *performers*, que inclui também atores conhecidos como “Núcleo Patrícia Bárbara”, oferece-nos a possibilidade de uma fértil tradução dos regimes de funcionamento do “eu” como um conjunto de projetos entregues (*delivery*), aqui encarnado pelos novos dispositivos do individualismo de projeto (Pelbart, 2003). Ou seja, a síntese possível de ser nomeada “eu” (Patrícia Bárbara) é uma *síntese disjuntiva* (Deleuze, 2006), aquela que junta e separa no mesmo movimento, uma vez que Patrícia seria, ao mesmo tempo, aquela que lidera e ocupa o lugar que congrega, todos eles distribuídos na rede de contatos de liberação e captação.

Competição, hierarquia verticalizada, competências auto-referidas cedem lugar a relações de troca, de alianças e de redefinições da própria noção de amizade. A reflexão realizada em torno desses novos agenciamentos subjetivos do empreendedorismo juvenil ainda está longe de ser conclusiva, mas é capaz de, ao menos, apontar para a desconfiança dos diagnósticos que insistem na asfixia crescente das novas normatividades. A leitura do processo contemporâneo de tais subjetividades parece nos conduzir a uma forma de compreensão menos mandatória e normativa de seus funcionamentos, e mais próxima, processualmente, de um modelo de “liberação”, e da ênfase sobre a “invenção”.

Em outras palavras, uma liberação aqui entendida como metáfora química, que tal como os adesivos de nicotina colocados sobre a pele, liberam, de forma ao mesmo tempo dosada e intermitente, parcelas da substância em questão. Se identificamos norma à cristalização, a algo que se torna referência mandatória e norte para a ação dos sujeitos, podemos dizer que não é isto que está em jogo nessas economias internas. As modalidades de “liberação”, cujos mecanismos de funcionamento procuramos começar a explorar parecem *formular e agir* de modo simultâneo em espirais de relações de contaminação recíproca entre os movimentos de reflexividade e ação, energia e intelecto, espírito e ato.

Referências Bibliográficas

BOZON, Michel. “A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerências às experiências íntimas”. *In*: Heilborn, Maria Luiza. **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BROOKS, David. “Les bourgeois bohèmes”. **Les Bobos**. Paris: Florent Massot, 2000.

DELEUZE, Gilles. **A lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GUATTARI, Félix. “Subjetividade e História”. *In*: Rolnik, Suely; Deleuze, Gilles. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. São Paulo: Vozes, 1986.

LATOURE, Bruno. “Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções”. *In*: Parente, André (org.), **Tramas da rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**. Antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. “Super-Homem: obsessão pelo desempenho, prazeres dos sentidos”. *In*: **A felicidade paradoxal**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

PARENTE, André. “Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade”. *In*: Parente, André (org.). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

- PELBART, Peter Pal. "Capitalismo Rizomático". *In*: Pelbart, Peter Pal, **Vida capital**. Ensaios de Biopolítica. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.
- SLOTTERDIJK, Peter. **Le palais de cristal**. À l'intérieur du capitalisme planétaire. Paris: Maren Sell Éditeur, 2006.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Entrevista". *In*: Cohn, Sergio; Cesarino, Pedro e Rezende, Renato (orgs). *Azougue*. Edição especial 2006-2008. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- ZIZEK, Slavoy. **Elogio da intolerância**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.